

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal de Hoje

Class.: 27 História

Data: 03/04/82

Pg.: \_\_\_\_\_

# Antropólogo desmente acusações e denuncia o delegado da Funai

O antropólogo Mércio Gomes, acusado pelo delegado Regional da Funai de ser o responsável pela morte de 9 índios guajá, refutou, em carta dirigida ao JORNAL DE HOJE, as declarações do major Alípio Levy e reafirmou sua denúncia de que os índios morreram em consequência da "ineficiência, desleixo e mentalidade retrógrada" do órgão no Maranhão.

Mércio Gomes, que atualmente se encontra na Universidade de Campinas, onde é professor, narra, em sua carta, os fatos ocorridos desde os primeiros contatos até a conclusão da transferência dos índios para uma reserva. Lembra que, apesar de sua insistência em solicitar o envio de uma equipe especializada, o delegado da Funai manteve-se irredutível em assistir os guajás com apenas um funcionário e um médico "que não sabe distinguir malária de gripe".

"TAPAR BURACOS"  
O antropólogo inicia lembrando que, depois de passar seis meses entre os guajás, "acusei o sr. Levy como responsável pelo desleixo, ineficiência, mentalidade retrógrada e péssima liderança perante seus subordinados, pela morte de 9 guajás, no período de 5 de janeiro a 4 de fevereiro deste ano. O sr. Levy, sem levar em consideração as mortes dos índios, acossado e desesperado, virou contra mim o seu sentimento de culpa, na esperança de fazer esquecer o assunto. Mas o assunto é grave, diz respeito à sobrevivência ou o extermínio de um grupo humano".

Depois de lembrar as responsabilidades da Funai em relação à proteção dos índios brasileiros, Mércio Gomes afirma que essas atribuições vêm sendo cumpridas pelo órgão em grande parte do território brasileiro, mas, "para a vergonha do Maranhão, a Funai em São Luís é dirigida pelo sr. Levy, cujo sentido prático dessa importante missão é tapar buracos, mas mesmo assim não consegue".

### MORTALIDADE

Para o antropólogo, a inoperância da Funai no Maranhão está evidenciada nos exemplos que se seguem: a população dos Urubu-Kaapor não cresce há vinte anos, já que o nível de mortalidade infantil entre eles é de 500 mortos por 1.000 crianças nascidas; dois anos atrás, guajáras foram assassinados pela Polícia de Barra do Corda e a Funai de São Luís não toma providências para punir os culpados; há anos a reserva dos Krikati vem sendo invadida por fazendeiros, o que tem levado esses índios a embriaguez, à apatia e à desesperança.

Em seguida, o antropólogo convoca a imprensa a visitar as reservas indígenas para ver as condições em que vivem os naturais e afirma, categórico, que "o quadro geral dos índios do Maranhão é péssimo, e quanto mais se aprofunda nos detalhes mais estancador ele fica".

Mércio Gomes, em seguida, como ocorreu a morte dos guajá, denunciando a falta de interesse da Funai em conce-

der uma assistência adequada a esses índios. Segundo ele, desde 1973, quando o primeiro guajá foi contactado no rio Turiaçu, cerca de 100 membros do grupo já morreram, ressaltando que "nem todos por culpa explícita da Funai", já que muitas mortes foram causadas pela expansão agrícola no rio Caru e no Pindaré.

Em novembro de 1976 - conta Mércio - um servidor da Funai contou 90 índios no rio Turiaçu. Quando foi fazer pesquisas na área em fevereiro de 1980, restavam 30, um decréscimo populacional da ordem de 60 por cento. Em abril de 80, uma equipe da Funai da qual fiz parte, contou um grupo de 28 guajás no vale do Pindaré. Constatada a necessidade da transferência, a Funai me requisitou como assessor (não pago e não contratado). Fiz um relatório em 22 de maio avisando do perigo de tal empreendimento caso não fosse fornecidas as condições necessárias, tais como a formação de uma equipe especial constituída de médico, enfermeiros, trabalhadores, sertanistas, midotransmissor e medicamentos.

A reivindicação não atendida pela Funai, que enviou apenas um médico e um funcionário. Dessa falta de assistência, segundo Mércio, resultou a morte de sete dos dezoito guajás, mesmo porque os que morreram estavam desligados do grupo por falta de um contato, e os que sobreviveram e foram transferidos estavam acometidos de gripe.

O ridículo é que agora o sr. Levy quer jogar a culpa em mim, como se eu fosse o delegado da Funai ou ao menos um seu servidor. Mas todos os que participaram dessa agonia ao sabermos da morte de sete índios sentiram na carne e no espírito o ambush de terem sido enganados pela irresponsabilidade de não terem tido o apoio da delegacia. Até medicamentos não se obtinha do sr. Levy, o que acabou levando à morte mais uma índia antes do término da transferência.

Esses fatos, segundo Mércio Gomes, foram testemunhados pelos padres Carlos Ubiale e Odilo, do Cimi, além dos dois servidores da Funai. O antropólogo lembra ainda que, quando de sua saída da área, enviou novo relatório à delegacia da Funai, insistindo na criação de um posto indígena no Caru, dotado de uma equipe de trabalho, treinada no respeito à cultura guajá e que eu auxiliasse na difícil tarefa de recuperação do

grupo, já que, modesta à parte, sou o único não-guajá que fala a língua guajá e entende alguma coisa de sua cultura".

— Onde está o posto? Onde está a equipe treinada? Em dezembro de 81, quando eu não estava mais na região, os guajá foram acometidos de malária, transmitida provavelmente por pessoas da região, que haviam estado nos garimpos do Pará, famosos pelas riquezas de malária. Nesse mês, o médico da Funai foi deslocado duas vezes para curar os índios, só que seu diagnóstico apontava gripe. Enquanto isso a malária os ia enfraquecendo a tal ponto que matou uma criança no início de janeiro.

O diagnóstico do médico da Funai foi contrariado pela Sucam, que constatou a presença de plasmodium falciparum, a mais virulenta forma de malária. Os índios estavam fracos e foram alimentados com carne de porco, que lhes inflamou o fígado. Apesar dos protestos do antropólogo, contra o tipo de medicação que lhes foi aplicada, mais uma criança morreu e uma jovem mulher abortou um feto de cinco meses.

### INSANIDADE

Mércio Gomes nega ter estado gripado e afirma que tem testemunhas e desafia o delegado da Funai a instaurar um inquérito médico sobre a morte dos índios. "Ver-se-á que a resposta está na falta de competência de seus subordinados, de um médico que não sabe distinguir gripe de malária e de um enfermeiro que diz que cloroquina é bom para toda febre", afirma.

Para ele, as declarações do delegado da Funai "é um abarço que beira à insanidade mental", e afirma que a sobrevivência dos guajás deve ser garantida com calma e paciência, "mas a estupidéz humana não permite". Mércio Gomes louva o trabalho dos funcionários da Funai, mas lamenta que o órgão seja dirigido por uma liderança com tendência para "o desleixo e para a omissão".

Ele afirma ainda que não acredita que a Funai "seja uma instituição intrinsecamente corrupta" e que boa parte dos funcionários trabalham com seriedade. Depois de lamentar a "vergonhosa sorte dos índios guajá", defende a necessidade de se pressionar as autoridades para que a situação seja mudada, "se não quisermos carregar em nossas consciências a marca de mais um povo que morre por irresponsabilidade e falta de visão de quem supostamente cuida dele".